

José Benedito de Almeida Junior, Ronés Aureliano de Souza

# O problema do Mal em Jean-Jacques Rousseau

**RESUMEN:** Rousseau envolveu-se numa polémica com Voltaire, a respeito do problema da teodicéia, ou a origem do mal no mundo, motivada pelo terremoto de Lisboa em 1755. Escreveu o Poema sobre o desastre de Lisboa, no qual demonstra sua incompreensão da coexistência da Providência e a existência do mal no mundo. Rousseau responde com a Carta sobre a providência, na qual apresenta uma posição original: não parte de princípios metafísicos para analisar a realidade, mantendo sua convicção na bondade divina e demonstrando que o mal sofrido pelos seres humanos é provocado por suas próprias ações.

**PALAVRAS-CHAVE** Rousseau, Voltaire, Mal, Poema, Lisboa

## The problem of evil in Jean-Jacques Rousseau

**ABSTRACT:** Rousseau was involved in a controversy with Voltaire, regarding the problem of theodicy, or the origin of evil in the world, motivated by the Lisbon earthquake in 1755. He wrote the Poem on the Lisbon disaster, in which he demonstrates his incomprehension of the coexistence of Providence and the existence of evil in the world. Rousseau responds with the Letter on Providence, in which he presents an original position: he does not start from metaphysical principles to analyze reality, maintaining his conviction in divine goodness and demonstrating that the harm suffered by human beings is caused by their own actions.

**KEYWORDS:** Rousseau, Voltaire, Mal, Poem, Lisbon.

---

Artículo [PT] | ISSN: 2386-3994 | Recibido: 28-febrero-2021 | Aceptado: 30-marzo-2021.

## Introdução

O problema da teodicéia: a origem do mal no mundo. Tema que ocupa as reflexões filosóficas nas suas mais diversas épocas e origens. Como compreender o fato de que todos nós passamos por grandes sofrimentos ao longo da vida? Como podemos entender o fato de que algumas pessoas, e mesmo seres sensíveis, vivenciam terríveis sofrimentos? Jean-Jacques Rousseau, em seu *Discurso sobre a origem da desigualdade*

► **José Benedito de Almeida Júnior, Ronés Aureliano de Souza**, Instituto e Programa de Pós-Graduação em Filosofia - Universidade Federal de Uberlândia. Brasil. [jbeneditoalmeida@gmail.com](mailto:jbeneditoalmeida@gmail.com) – iD <http://orcid.org/0000-0001-5801-7284>.

*entre os homens* afirma há dois sentimentos naturais no ser humano: o primeiro é o amor de si, conhecido hoje como auto cuidado; o segundo é a piedade natural ou comiseração que significa a sensibilidade em relação ao sofrimento alheio: «Certo, pois a piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda espécie. Ela nos faz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer». (Rousseau 1973, p. 260).

Desta forma, diante de notícias como a da catástrofe de Lisboa, todos ficaram chocados e fortemente sensibilizados com tão magno sofrimento, incluindo Voltaire, que expressou este seu sentimento de comiseração por meio de seu *Poema sobre o desastre de Lisboa ou o exame deste axioma: Tudo está bem* que se tornou público em janeiro de 1756. Segundo Maria das Graças de Souza (2006, p. 143) os jornais da época reproduziram o poema que foi motivo de debate entre os intelectuais, o que resultou em mais de vinte reedições do poema ainda em 1756.

Seguindo a análise de Souza, vemos que o paradoxo de Epicuro parece fundamentar o eixo principal de toda sua argumentação, conforme podemos constatar:

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso; o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente; portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? Por que razão é que não os impede? (Epicuro 1980, p. 20)

O poema não se limita a reproduzir o raciocínio de Epicuro, mas reproduz sua lógica: se Deus é sumamente bom, portanto não quer o sofrimento; onipotente, pode fazer tudo; e onisciente, sabe de todas as coisas antecipadamente, porque deixa com que algumas pessoas sofram? Por que, simplesmente, não evita os males e poupa os seres humanos de sofrerem e outros, por seu turno, de sofrerem por comiseração, como é o caso do poeta Voltaire, que demonstra sua incompreensão de tanto sofrimento.

O problema deste raciocínio, como veremos adiante com Rousseau, é que ele está preso entre os princípios metafísicos e a realidade, fazendo com que se tenha somente duas posições a serem assumidas: ou Deus não existe ou não é tão bom e poderoso conforme se crê em seus atributos. Como dizer que este é o melhor dos mundos

possíveis ou que tudo está bem diante das ruínas e das mortes em Lisboa? Souza define esta situação da seguinte forma: «Rousseau situa a questão do mal num plano radicalmente diferente do de Voltaire. Para ele, o mal é sobretudo social. Voltaire insiste no nível metafísico, e por isso permanece com um enigma nas mãos». (Souza 2006, p. 146). Ao analisar o sofrimento humano de um ponto de vista imanente, Rousseau se livra do paradoxo entre princípios transcendentais e a realidade nua e crua de uma catástrofe como a de Lisboa.

### **Lisboa, primeiro de novembro de 1755, nove e quarenta da manhã.**

Segundo o relato de Pedegache (1756) o clima estava ameno quando se ouviu um primeiro estrondo acompanhado de um tremor leve de aproximadamente um minuto. Alguns segundos depois, no entanto, veio um segundo tremor que durou dois minutos e provocou muitos danos, levantando uma nuvem de poeira. Minutos depois, um novo tremor que pôs abaixo as casas que ainda tinham restado em pé, levantando tal nuvem de poeira que escureceu o dia e provocou gigantescos danos e muito sofrimento: «Os gemidos dos agonizantes, os alaridos dos que imploravam a misericórdia Divina, os tremores contínuos da terra, a escuridão do dia, aumentavam o horror, o medo e a tribulação». (Pedegache 1756, pp. 3 - 4).

A catástrofe ainda não tinha encerrado seu curso: pouco tempo depois de encerrados os abalos, iniciou-se o que hoje podemos chamar de tsunami aumentando o pavor e as mortes na cidade. Segundo o autor, o mar avançou sobre o continente provocando fortíssima inundação, destruindo o cais, os navios que estavam ancorados e forçando o Tejo continente a dentro; depois, recuou levando tudo consigo.

Conforme o relato: «A terra, o ar e a água tinham se conjurado contra a infeliz Lisboa, e seus aflitos cidadãos». (Pedegache 1756, p. 4). Ainda que esta descrição possa ser somente metafórica, ela nos coloca no cerne da questão: poderia a natureza ter se conjurado contra alguém? A Providência castiga, a Natureza conjura e os seres humanos parecem não ter qualquer relação com a catástrofe.

Segundo o autor, como o vento se tornaram muito forte acabou por espalhar o fogo em várias casas da cidade. As pessoas se puseram em fuga para longe dali e neste processo o ser humano também ajudou a aumentar o dano, pois para fugir não se

preocuparam com seus próximos, pisotearam os moribundos e mortos: «Para explicar os horror daquele instante, basta dizer que não houve nem piedade, nem compaixão, nem humanidade, nem amizade». (Pedegache 1756, p. 5). Somente mais tarde lembrar de procurarem os seus, lamentando tristemente não encontra-los vivos.

Os quatro elementos da natureza, terra, ar, água e fogo, conforme a teoria de Empédocles, pareciam mesmo conjurar contra as pessoas, levando as pessoas a se perguntarem o porquê de tal catástrofe ter atingido Lisboa ou, pelo menos, se há um Deus bom e poderoso, porque não poupou as pessoas de tais sofrimentos? Não poderia ele mudar as leis que ele mesmo criou e impedir tamanha desgraça? Estas questões fazem parte da história da filosofia e, sob a pena e a arte poética de Voltaire, tomaram uma dimensão ainda maior. Novamente, conforme Souza:

Todavia o desastre de Lisboa abalou o século. Por quê? Na verdade, não foi nem o mistério, nem a raridade, nem a dimensão do cisma que o tornou impressionante. Ele impressionou sob a ótica de Voltaire, que se valeu muito habilmente dele para abrir o processo contra o otimismo filosófico. O *Poema sobre o desastre de Lisboa* foi de fato a primeira investida de Voltaire contra a concepção otimista do mundo. (2006, p. 144)

### **Nos versos do poema a reflexão filosófica**

O poema de Voltaire não é apenas pleno de sentimento de comiseração, mas também nele encontramos reflexões filosóficas sobre a questão da Providência e um aberto debate contra a filosofia do otimismo. Ora, seria ele então um pessimista? De forma alguma, ao final do poema o vemos insistir que apesar de tanta dor ainda guarda muita esperança e até mesmo poupa a Providência de culpa. Sua luta contra a filosofia do otimismo é contra a crueldade que dela se faz para dizer aos que sofrem que suportem com paciência sua dor, pois tudo faria parte de um plano maior. É cruel e hipócrita aquele que flui de prazeres e estão em segurança dizer aos que padecem que suportem seus padecimentos. Vejamos esta estrutura de seu pensamento exposto no poema.

Ó infelizes mortais! Ó deplorável terra!

Ó agregado horrendo que a todos encerra!

Exercício eterno que inúteis dores mantém!

Filósofos iludidos que bradais: ‘Tudo está bem!’

Acorrei, contemplai estas ruínas dolorosas,

Estes escombros, despojos, cinzas horrorosas,

Estas mulheres e crianças esmagadas

Sob o peso do mármore estraçalhadas.<sup>1</sup> (Voltaire 1877, pp. 1-2)

Vemos um convite direto aos filósofos que venham contemplar estas ruínas, pessoas mortas com seus corpos esmagados pelo terremoto, pessoas em sofrimentos pelas perdas dos entes queridos e também de tudo o que tinham no mundo e diga para elas: ‘tudo está bem’, seria um consolo bem cruel. Filósofos, em seus gabinetes aquecidos, seguros, confortáveis afirmando que tudo está bem, mesmo diante de tanto sofrimento. Será que eles manteriam sua opinião se contemplassem o horror daquele momento? Será que manteriam sua opinião se tal desastre os atingisse?

Na próxima sequência destacamos a crítica à perspectiva cristã de explicação sobre o sofrimento provocado pelo terremoto. De certa forma, a filosofia do otimismo substitui pela lógica um argumento tipicamente cristão que dirá serem os padecimentos culpa dos que sofrem. Não faltaram comparações de Lisboa com Sodoma e Gomorra:

Direis-vós: “Eis das eternas leis o cumprimento,

Que de um Deus livre e bom requer o discernimento”?

Direis-vós, perante estes corpos amontoados:

“Deus vingou-se, é o preço dos seus pecados”?

Que faltas cometeram cada criança inocente,

Para morrerem, com suas mães, de modo tão pungente?

Lisboa, que não existe mais, merece tais suplícios

Enquanto Londres ou Paris gozam seus vícios?

Lisboa está arruinada e dança-se em Paris. (Voltaire 1877, p. 3)

Nestes versos fica clara a postura de Voltaire de que é ilógico dizer que tal desastre se deu por que seria o castigo aos seus vícios. Aqui, no entanto, dois casos chamam a atenção do poeta. Em primeiro lugar, por quais pecados as inocentes crianças deveriam ser castigadas? Em segundo lugar, questiona diretamente: quais pecados se comete em Lisboa que não se cometa também em Londres ou Paris? Portanto,

---

<sup>1</sup> Utilizamos a edição em francês citada na bibliografia como fonte e a tradução do poema é de um dos autores do artigo.

nenhuma explicação filosófica ou teológica sustentam o fato de que as pessoas de uma cidade tenha de suportar tal pena e de outras não.

Destacamos, a seguir, versos com os quais coloca em dúvida a ideia de um Deus sumamente bom e poderoso:

Estais seguros de que o Deus que tudo criou  
 Tudo sabe, tudo previu e tudo amou,  
 Não poderia nos colocar nestes tristes lugares,  
 Sem lançar vulcões em nossos calcanhares?  
 Limitarias, deste modo, sua suprema potência,  
 Impedindo-o de exercer a sublime clemência?  
 O eterno artesão não poderia, enfim, optar,  
 Livremente, por seu próprio projeto mudar?  
 Sem ofender, não que no universo eu arbitre,  
 Mas estes abismos de enxofre e salitre,  
 Não poderiam num deserto entrar em erupção?  
 Eu respeito meu Deus, porém amo a criação.  
 Se o homem ousa lamentar por algo tão terrível  
 Não O questiona, chora porque é sensível. (Voltaire 1877, p. 4)

Não poderia a Providência provocar terremotos num deserto? Se é um Deus absolutamente livre e poderoso, poderia sem dúvida alguma, evitar que um abalo sísmico ocorresse em determinado local? Voltaire, tal como Epicuro, questiona os atributos divinos a partir da existência do mal. Todavia, afirmar que Deus é obrigado a deixar o universo seguir seu curso não é limitar sua clemência? Não seria impor um limite à liberdade absoluta de Deus? Ou ele estaria limitado pela própria obra que criou, pois afinal, se ela é perfeita desde sua criação, então qualquer intervenção poderia ser a denúncia de uma imperfeição, o que é impossível para uma criação de Deus. Todavia, Ele não poderia evitar o sofrimento dos inocentes? Voltaire ainda se sente na necessidade de dizer que não está questionando a obra de Deus, se chora e se lamenta pelo sofrimento não é porque duvida de Sua perfeição, mas porque é sensível e se comove com o sofrimento alheio.

Vemos, então, que Voltaire não está, de fato, negando a existência de Deus, mas ousa discordar dos filósofos que encontram na sua lógica e os cristãos em sua fé estranha, um consolo cruel para os que sofrem. Não é a Providência que ele questiona e sim os próprios homens. Mais adiante, no poema, faz uma observação interessantíssima: dizer que tudo está bem hoje, com tal desastre tendo ocorrido, é ilusão e até mesmo crueldade para quem sofre *hoje*: «*Um dia tudo estará bem*, eis a nossa esperança; *Tudo está bem hoje*, eis a ilusão. Os sábios me enganam, somente Deus tem a razão». (Voltaire 1877, p. 11)

Acrescenta, também, que seus versos não devem ser tomados como um libelo contra a Providência: «Humilde, eu suspiro e sofro em resiliência. Porém, jamais atacaria a Providência». (Voltaire 1877, p. 11).

Certa vez um califa, em sua hora derradeira,  
Ao deus que adorara fez uma oração verdadeira:

“Ser ilimitado e rei de toda a verdade

Ofereço-te o que não tens na eternidade:

Ignorância e erros, que deposito em tua fiança”.

Mas ele ainda poderia acrescentar: *esperança!* (Voltaire 1877, p. 11)

Parece-nos claro que Voltaire, sem qualquer ironia ou disfarce, não acusa a Providência, pois devemos lembrar que ele não é ateu, acredita numa inteligência suprema que criou o universo, suas leis, não considera que a ordem do universo em sua perfeição seja fruto do acaso. Seu alvo, por assim dizer, são os filósofos iludidos que creem poder entender as leis divinas e dizem que tudo está bem, no conforto de seus lares aquecidos e, também, se insurge contra o fanatismo e a intolerância religiosa que tanto mal causaram na Europa e no resto do mundo; vê as pessoas sofrendo ou por causas naturais, como o terremoto, ou por causas sociais, como a desigualdade e se sente tocado por isto. Não é possível afirmar que tudo está bem, que este é o melhor dos mundos possíveis, mas é possível sim, para o poeta-filósofo, ter esperanças.

### **A origem do mal ou do sofrimento?**

Em sua *Carta a Voltaire* Rousseau questiona o destinatário sob dois pontos de vista. O primeiro é relativo a sua crítica ao otimismo dos filósofos e o fato de Voltaire o substituir por um pessimismo absoluto. O segundo é relativo ao problema da

teodiceia, isto é, para Rousseau, a Providência nada teve a ver com a tragédia, é preciso que os seres humanos assumam suas próprias responsabilidades. Vejamos, pois, o desenvolvimento destes pontos de vista.

Censurais Pope e Leibniz de insultar nossos males ao sustentarem que tudo é bem, e vós aumentais de tal maneira o quadro de nossas misérias que acabais por agravar o sentimento que temos delas; ao invés das consolações que esperava, vós apenas me afligis; dir-se-ia que temeis que eu não veja o suficiente o quanto sou infeliz; e acreditais, parece, tranquilizar-me muito, provando-me que tudo é mal”. (Rousseau 2006, p. 160)

Rousseau, então, insiste na ideia de que a mensagem de consolo, ainda que pareça cruel, é melhor do que a sentença do pessimismo: «O que me diz agora vosso poema? “Sofre para sempre, miserável. Se existe um Deus que criou, ele é todo poderoso; podia evitar todos os males. Portanto, não esperes que eles terminem; pois não se poderia saber por que tu existes, se não for para sofrer e morrer”». (Rousseau 2006, p. 161)

O problema é insistir na convicção de que Deus deveria evitar todos os males pelos quais os seres humanos passam ou, senão, podemos duvidar de sua existência. A expressão ‘mal’ nos conduz a um plano metafísico que nos mantém, como afirmou Souza mais acima, ‘com o enigma nas mãos’. Quando falamos em ‘sofrimento’ tornamos o tema mais concreto e, portanto, evitamos a dificuldade de compreender como pode haver a Providência e o sofrimento no mundo. Observamos com Rousseau: os sofrimentos que os seres humanos provocam a si mesmos são sempre muito maiores do que os da natureza. Chegamos, neste ponto, ao segundo ponto de vista e podemos nos perguntar: quem causou o mal, o terremoto ou a estrutura da cidade?

Sem abandonar o vosso assunto de Lisboa, deveis convir, por exemplo, que a natureza não havia absolutamente ajuntado ali vinte mil casas de seis a sete andares, e que se os habitantes desta grande cidade estivessem espalhados mais igualmente e mais levemente alojados, o estrago teria sido muito menor, e talvez, nulo. Todos teriam fugido ao primeiro abalo, e no dia seguinte teriam sido vistos a vinte léguas de lá, tão alegres como se nada tivesse acontecido; mas foi preciso ficar, teimar em permanecer em volta das casas, expor-se a novos tremores, porque o que se deixa vale mais do que aquilo que se pode levar. (Rousseau 2006, p. 162)

De fato, os terremotos são fenômenos naturais, portanto, não podem ser considerados um mal em si. Quando atingem as cidades provocam verdadeiras

tragédias e muito sofrimentos, mas o mal é o terremoto? Rousseau observa que eles podem ocorrer em regiões nas quais a população vive mais dispersa, sem construções como edifícios e que poderiam deixar facilmente o local atingido, portanto, o terremoto não teria provocado tantos danos e mortes se não tivesse Lisboa – e qualquer outra cidade – a estrutura arquetônica que possui. Por isso, Rousseau afirma:

Teríeis preferido (e quem não teria?) que o terremoto acontecesse no fundo de um deserto, ao invés de acontecer em Lisboa. Pode-se duvidar que eles aconteçam nos desertos? [...] Vamos dizer agora que a ordem do mundo deve mudar segundo nossos caprichos, que a natureza deve submeter-se a nossas leis, e que, para impedir um tremor de terra em algum lugar, basta construir nele uma cidade? (Rousseau 2006, p. 163)

Ainda que Voltaire estivesse muito comovido com tamanha tragédia, é preciso considerar que não se pode acusar a Providência pela existência de terremotos, as criações humanas não podem ser motivo para que a natureza mude suas leis e seu curso.

## Conclusão

Do ponto de vista teórico entendemos que Epicuro propõe uma questão sem resposta se nos mantivermos no nível metafísico ou lógico. Na medida em que passamos para a realidade concreta, notamos, com Rousseau, que o sofrimento humano até pode ser provocado por causas naturais, mas será sempre menos cruel do que aquele que nós infringimos a nós mesmos ou a nossos semelhantes. Logo, se transitarmos da questão sobre a origem do mal, para a dos sofrimentos, saímos da aporia apresentada por Epicuro e Voltaire, permitindo que nos tornemos mais autênticos e conscientes de que a sociedade é responsável pelos sofrimentos que vivenciamos. Em outro trabalho aprofundaremos a diferença entre mal e sofrimento.

**Conflito de interesses:** Os autores declaram que não tem nenhum possível conflito de interesses. **Aprovação do comitê de ética e consentimento informado:** não é aplicável a este estudo. **Contribuição de cada autor:** Autor 1 desenvolveu estudos sobre Epicuro e Voltaire, bem como traduziu os poemas deste filósofo; Autor 2 desenvolveu os estudos sobre Rousseau. Os autores escreveram conjuntamente o artigo, leram e aprovaram o manuscrito final. Contato para consultas sobre este artigo: jbeneditoalmeida@gmail.com

## Referências

Epicuro. (1980). *Antologia de Textos*. Tradução: José Américo Mota Pesanha. São Paulo. Editora Abril Cultural.

Pedegache, Miguel Tibério. (1756). *Nova, e fiel relação do terremoto que experimentou Lisboa, e todo Portugal, no I. de Novembro do anno de 1755*. Lisboa: Officina de Manoel Soares.

Rousseau, Jean-Jacques. (2002). *Carta de J.J. Rousseau ao Senhor de Voltaire*. In: *Jean-Jacques Rousseau: escritos sobre religião e moral*. Tradução de: Adalberto L. Vicente; Ana L. S. Camarini e José Oscar de A. Marques. Cadernos de Tradução, vol. 2. Campinas. IFCH.

Rousseau, Jean-Jacques. (1973). *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Coleção *Os Pensadores*. Tradução: Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural.

Souza, Maria das Graças. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

Souza, Maria das Graças (2006). «Rousseau: textos e estudos». Em: *História e Providência: Bossuet, Vico e Rousseau: textos e estudos*. Tradução e comentários Edmilson Menezes (Org.); Humberto Aparecido de Oliveira Guido, Maria das Graças de Souza. Ilhéus: Editus.

Voltaire. (1877). *Poème sur le desastre de Lisbonne ou examen de cet axiome: TOUT EST BIEN*. Paris, Garnier.

#### Información sobre el autor

► **José Benedito de Almeida Júnior**. Professor Doutor do Instituto e Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. jbeneditoalmeida@gmail.com – iD <http://orcid.org/0000-0001-5801-7284>.

► **Rones Aureliano de Souza**. Professor Mestre da Escola de Educação Básica e Programa de Pós-Graduação em Filosofia Universidade Federal de Uberlândia, Brasil. ronesfilo@yahoo.com.br – iD <http://orcid.org/0000-0002-8985-0911>.

#### Como citar este artículo

Almeida Junior, José Benedito de e Souza, Rones Aureliano de. (2021). «O problema do mal em Rousseau». *Analysis* 28: pp. 49-58.